

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS**

JULIANA VALÉRIO TRINDADE

**UM ESTUDO SOBRE O NÍVEL DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA E A EXPERIÊNCIA
DE USO DE OPERAÇÕES DE CRÉDITO ENTRE OS JOVENS ADULTOS
BRASILEIROS**

Porto Alegre

2016

JULIANA VALÉRIO TRINDADE

**UM ESTUDO SOBRE O NÍVEL DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA E A EXPERIÊNCIA
DE USO DE OPERAÇÕES DE CRÉDITO ENTRE OS JOVENS ADULTOS
BRASILEIROS**

Trabalho de conclusão de curso de graduação, apresentado ao Departamento de Ciências Administrativas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Administração.

Orientador: Guilherme Ribeiro de Macêdo

Porto Alegre

2016

CIP - Catalogação na Publicação

Trindade, Juliana Valério

Um Estudo sobre o Nível de Educação Financeira e a
Experiência de Uso de Operações de Crédito entre os
Jovens Adultos Brasileiros / Juliana Valério
Trindade. -- 2016.

51 f.

Orientador: Guilherme Ribeiro de Macêdo. Trabalho de

conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de
Administração, Curso de Administração, Porto Alegre,
BR-RS, 2016.

1. Educação Financeira. 2. Educação sobre
Endividamento. 3. Conhecimento Financeiro. 4. Crédito
Pessoal. I. de Macêdo, Guilherme Ribeiro, orient. II.
Título.

JULIANA VALÉRIO TRINDADE

**UM ESTUDO SOBRE O NÍVEL DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA E A EXPERIÊNCIA
DE USO DE OPERAÇÕES DE CRÉDITO ENTRE OS JOVENS ADULTOS
BRASILEIROS**

Trabalho de conclusão de curso de graduação, apresentado ao Departamento de Ciências Administrativas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Administração.

Aprovado em: Porto Alegre, _____ de _____ de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcelo Scherer Perlin
UFRGS

Orientador – Prof. Dr. Guilherme Ribeiro de Macêdo
UFRGS

AGRADECIMENTOS

Aos meus patrocinadores que não me cobram juros deste empréstimo que foi me dar a vida, minha eterna gratidão.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Guilherme Ribeiro de Macêdo, agradeço pelo apoio e autonomia concedida durante esse trabalho.

A todas as pessoas maravilhosas que tenho a sorte de ter na minha vida, meus agradecimentos pelos magníficos momentos de convivência e carinho.

Aos que cederam tempo das suas vidas para responder e compartilhar o questionário, meu muito obrigada. Esse trabalho só foi possível através de vocês.

Por fim, faz-se necessário ressaltar a importância dos professores que trabalham para a excelência do curso de Administração da UFRGS. Sou grata a todas as oportunidades de crescimento oferecidas a mim durante minha passagem nessa instituição.

It was the peculiar artifice of Habit not to suffer her power to be felt at first. Those whom she led, she had the address of appearing only to attend, but was continually doubling her chains upon her companions; which were so slender in themselves, and so silently fastened, that while the attention was engaged by other objects, they were not easily perceived. Each link grew tighter as it had been longer worn, and when, by continual additions, they became so heavy as to be felt, they were very frequently too strong to be broken.

(Samuel Johnson)

RESUMO

O presente estudo busca observar o nível de educação financeira e a experiência com crédito dos jovens brasileiros de 18 a 30 anos. Para tanto, é realizada uma pesquisa exploratória com intuito de medir o nível de educação financeira através da perspectiva do uso de crédito. Utiliza-se uma *survey online*, dividida em três blocos de questões: conhecimentos financeiros, experiência com operações de crédito e características demográficas. Foram obtidas duzentas e quarenta respostas. Por meio delas, conclui-se que existe uma divergência entre os resultados sob a perspectiva de gêneros, que a maior experiência de crédito não aumenta o nível de conhecimento financeiro e que a amostra possui um déficit de conhecimento sobre ações.

Palavras-chave: Educação Financeira; Educação sobre Endividamento; Conhecimento Financeiro; Crédito Pessoal.

ABSTRACT

The present study seeks to observe the level of financial education and the credit experience of Brazilian young adults between the ages of 18 and 30. To do so, an exploratory research is carried out to measure the level of financial literacy through a credit perspective. An online survey comprising three blocks of questions about financial knowledge, experience with credit operations and demographic characteristics was applied and two hundred and forty replies were obtained. Through these replies, it is concluded that: from the perspective of gender, there is a discrepancy between the results; more credit experience does not mean a higher level of financial literacy; and the sample presents a lack of knowledge about the stock market.

Keywords: Financial Literacy; Debt Literacy; Financial Knowledge; Consumer Credit.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Modelo do Conceito de Educação Financeira.	23
Gráfico 1: Histórico do Uso de Instrumentos de Crédito no Brasil.	14
Gráfico 2: Endividamento das famílias em relação à renda anual – 2014 (%).	15
Gráfico 3: Comprometimento de renda das famílias com o serviço da dívida – 2015 (%).	16
Gráfico 4: Evolução da taxa de desocupação (%).	17
Gráfico 5: Rendimento médio real habitual da população ocupada.	18
Gráfico 6: IPCA por Categorias taxa de variação acumulada em 12 meses (%).	18
Gráfico 7: Crescimento anual do crédito.	19
Gráfico 8: Novas concessões de crédito com recursos livres para pessoas jurídicas e físicas – em R\$ milhões de agosto de 2016, deflacionados pelo IPCA, média por dia útil, série dessazonalizada.	20
Gráfico 9: Inadimplência da pessoa física (%).	20
Gráfico 10: Endividamento das famílias em relação à renda anual – 2014 (%).	21
Gráfico 11: Gráfico sobre o Percentual de Entrevistados por Total de Acertos.	31
Gráfico 12: Percentual de Acertos por Pergunta.	32
Gráfico 13: Percentual de Respostas “Não Sei”, por Pergunta.	32
Gráfico 14: Autoavaliação.	33
Gráfico 15: Distribuição do percentual de acertos por grupo de autoavaliação.	33
Gráfico 16: Distribuição do percentual de acertos por pergunta de cada grupo de auto avaliação.	34
Gráfico 17: Experiência com linhas de crédito.	34
Gráfico 18: Experiência com linhas de crédito tradicionais.	35
Gráfico 19: Experiência com linhas de crédito alternativas.	36
Gráfico 20: Forma de uso do cartão de crédito mais recorrente nos últimos 12 meses.	37
Gráfico 21: Linhas de crédito sendo utilizadas no momento da pesquisa.	39
Gráfico 22: Percentual de Acertos por Gênero.	39
Gráfico 23: Presença feminina em cada grupo.	40
Quadro 1: Perguntas para mensuração da educação financeira.	25
Quadro 2: Perguntas para mensuração da experiência de crédito.	27
Quadro 3: Grupos de experiência de uso de crédito.	37
Quadro 4: Grupos de experiência X Acertos.	38
Tabela 1: Tabela de Crédito – agosto, 2016.	16

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	JUSTIFICATIVA	12
3	REVISÃO TEÓRICA	13
3.1	DEFININDO CRÉDITO	13
3.1.1	CRÉDITO: O CONTEXTO BRASILEIRO	14
3.2	DEFININDO EDUCAÇÃO FINANCEIRA	22
3.2.1	EDUCAÇÃO FINANCEIRA: COMO MENSURAR	24
4	OBJETIVOS	29
4.1	OBJETIVO GERAL	29
4.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	29
5	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICO	30
5.1	COLETA DE DADOS	30
5.2	ANÁLISE DE DADOS	30
6	CONCLUSÃO	41
	APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO ONLINE	46

1 INTRODUÇÃO

A habilidade dos indivíduos para lidar com dinheiro afeta tanto seu bem-estar quanto a economia do país. Individualmente, a familiaridade com conhecimentos e experiências financeiras pode impactar o planejamento da aposentadoria, a diversificação de investimentos, o uso de crédito com as melhores taxas e a construção de patrimônio. Já o comportamento financeiro, quando visto o conjunto da população, pode afetar a direção das políticas públicas e a capacidade de desenvolvimento de uma economia (LUSARDI; MITCHELL, 2014).

As decisões financeiras tomadas quando jovem não selam o destino financeiro, mas indicam o quão tranquilo será o resto da vida. Estudos internacionais expõem que os jovens estão entrando no mercado de trabalho sem a educação financeira necessária para viver uma vida financeira consciente (SHIM, 2010). Esse dado é preocupante visto que a educação financeira tem impacto vitalício.

É socialmente ótimo elevar o conhecimento financeiro para todos no início da vida, por exemplo, a obrigatoriedade de educação financeira na escola. Isso ocorre porque, mesmo que os menos instruídos nunca invistam novamente e deixem seu conhecimento depreciar, eles ainda vão ganhar retornos mais elevados em sua poupança, o que gera um aumento substancial do bem-estar. (LUSARDI; MITCHELL, 2014, p. 9, tradução nossa)

No Brasil, a conjuntura econômica atual traz desafios para o planejamento financeiro, especialmente para as faixas de renda mais baixa, nas quais normalmente os jovens estão incluídos. Além do aumento do desemprego, inflação e queda da renda, os brasileiros enfrentam uma das taxas de juros mais altas do mundo. Portanto, é relevante analisar a experiência com crédito inserido no contexto de educação financeira dos jovens adultos.

No entanto, nenhum estudo exploratório sobre jovens, educação financeira e o uso do crédito foi realizado no Brasil. Sendo assim, o problema de pesquisa se resume à questão: “qual o nível de educação financeira e experiência no uso de operações de crédito dos jovens adultos brasileiro?”.

Para estudar aspectos envolvendo o nível de conhecimento e experiência financeira de forma mais concisa, será utilizado o conceito de Lusardi e Mitchell (2007), que define educação financeira como a familiaridade com os conceitos econômicos necessária para realizar decisões financeiras coerentes. A partir dessa definição, serão analisados diversos estudos a fim de definir as melhores questões para analisar esse conceito.

No último capítulo, será realizada uma análise de um questionário com questões de conhecimento financeiro, experiência de crédito e informações demográficas. O propósito dessa *survey online* será exploratório, a fim de conhecer o fenômeno e indicar estudos mais aprofundados a serem realizados.

2 JUSTIFICATIVA

Esse estudo tem por objetivo obter conhecimento acerca do nível de educação financeira dos jovens brasileiros. Paralelamente, busca-se entender se essa variável possui alguma correlação com a experiência no uso opções de crédito. Também, a partir desse trabalho, será feita uma tentativa de compreensão dos perfis financeiros dos jovens adultos, que correspondem a aproximadamente 17% da população do país, segundo o IBGE. O estudo da educação financeira é útil para a previsão de comportamentos futuros, criação de programas de educação financeira, medição da eficiência desses programas e embasamento para outras pesquisas relacionadas.

Ademais, o cenário econômico brasileiro atual é bastante restritivo devido às altas taxas de juros, ao baixo nível de confiança, às restrições de oferta de crédito e ao crescimento dos indicadores de endividamento. Consequentemente, esse estudo se faz especialmente necessário, pois é imprescindível entender qual o nível de educação financeira dos jovens para poder ajudá-los a navegar nesse cenário econômico incerto, de forma que o bem-estar futuro não seja comprometido.

3 REVISÃO TEÓRICA

Esse capítulo se destina a apresentar a fundamentação teórica que possibilita a exploração do tema proposto nesse trabalho. Assim, para melhor compreensão da problemática apresentada, o referencial teórico está dividido da seguinte maneira: crédito, incluindo uma análise situacional do Brasil; e educação financeira, abrangendo uma revisão sobre a mensuração desse conceito.

3.1 DEFININDO CRÉDITO

Ao analisar outros autores relevantes sobre o crédito, é possível traçar uma similaridade nas definições apresentadas na literatura sobre o assunto.

O crédito, em sua expressão mais simples, é a confiança, com ou sem base, que leva alguém a entregar a outrem certo montante de capital, em dinheiro ou em mercadorias, com valor monetariamente fixado, montante que deve ser pago após o decurso de determinado prazo. Quando capital é emprestado em dinheiro, seja em bilhetes de banco, em crédito aberto ou em ordem a ser paga por um correspondente acrescenta-se tantos por cento sobre a soma a devolver, pelo o uso do capital. (MARX, 1988, p. 462)

Complementando a descrição acima, é observado que:

Crédito é todo ato de vontade ou disposição de alguém de destacar ou ceder parte do seu patrimônio a terceiro, com a expectativa de que esta parcela volte a sua posse integralmente, após decorrido o prazo estipulado. Esta parte do patrimônio pode estar materializada por dinheiro ou bens. (SCHRICKEL, 2000, p.25).

O consenso sobre o conceito de crédito é amplamente disseminado. Resumindo-o, conforme Silva (2008): o banco compra uma promessa de pagamento, dispondo um montante ao tomador para futuramente receber um montante maior. Para fins desse trabalho, serão consideradas todas as linhas de crédito destinadas à pessoa física. Segundo Garman e Fogue (2000), o crédito ao consumidor é dividido entre parcelado e não parcelado. No primeiro caso, o valor acordado antes da contração da dívida deve ser pago em um número determinado de parcelas. No segundo caso, o crédito é concedido antes de qualquer transação, assim não é necessário que o consumidor solicite a cada vez que for utilizar. O montante da dívida pode ser pago na totalidade ou por meio de uma série de pagamentos iguais ou díspares.

Conforme os autores Sullivan, Warren e Westbrook (2000), existe uma diferença significativa no processo de decisão para concessão entre esses dois formatos de crédito. Para o

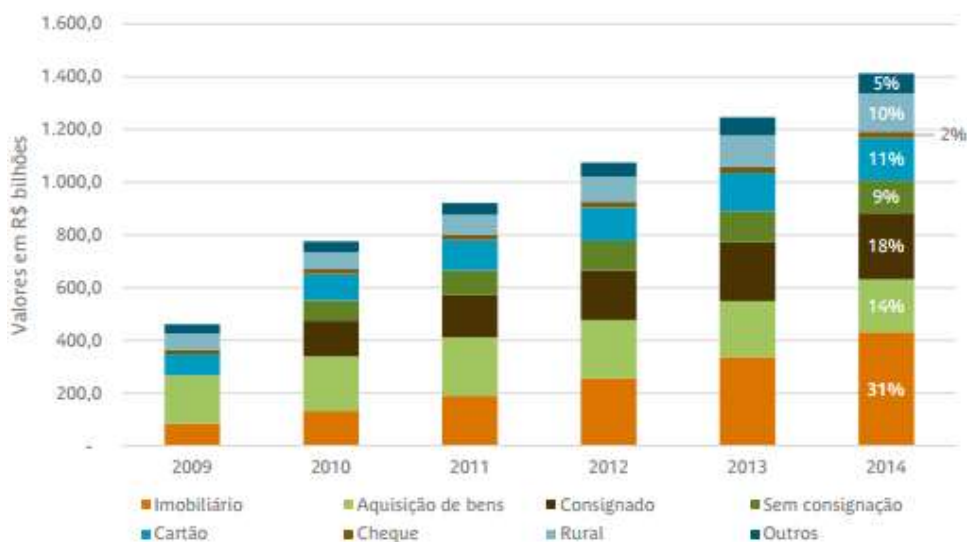
crédito parcelado, é realizada uma análise mais extensa do histórico do consumidor, portanto tornando o acesso a esse tipo crédito mais restrito do que ao crédito não parcelado. Além disso, existem diferenças no processo decisório de uso desses dois formatos de crédito. Por exemplo, no crédito não parcelado, a utilização tende a ser mais impulsiva, visto que, normalmente, são utilizados pequenos montantes de cada vez. Assim, é possível que esses pequenos montantes, quando somados no final da fatura, representem um valor que compromete o orçamento do consumidor. Nos casos nos quais o usuário não consegue pagar a fatura inteira, as empresas de cartão de crédito oferecem opções de parcelamento de até 1/50 do valor. Para Garman e Forgue (2000), esse formato garante matematicamente que o usuário continue endividado por um longo período.

Seguindo a mesma linha, o endividamento é compreendido por Ferreira (2006) como resultado da contração de uma ou mais dívidas gerando um saldo devedor. Ou seja, as dívidas são derivadas do uso de operações de crédito. Quando as dívidas comprometem uma parcela significativa da renda de um indivíduo apresentando gastos superiores às suas condições, esta é considerada como uma situação de superendividamento. Segundo o Serviço de Proteção ao Crédito (2016), no caso de comprometimento excessivo da renda, é comum que o tomador da dívida se torne inadimplente perante o Sistema Financeiro Nacional. Assim, fica registrado que o indivíduo não conseguiu cumprir com os pagamentos das dívidas no prazo estipulado.

3.1.1 CRÉDITO: O CONTEXTO BRASILEIRO

Conforme dados do Banco Central do Brasil (2016), houve um aumento significativo na concessão de crédito durante 2004 e 2014 no país. Dois fatores determinantes para esse crescimento foram os indicadores de emprego e renda. Das operações voltadas para pessoa física, grande parte foram voltadas para o financiamento imobiliário e aquisição de bens. Em 2014 essas linhas de financiamento totalizaram 45% do montante.

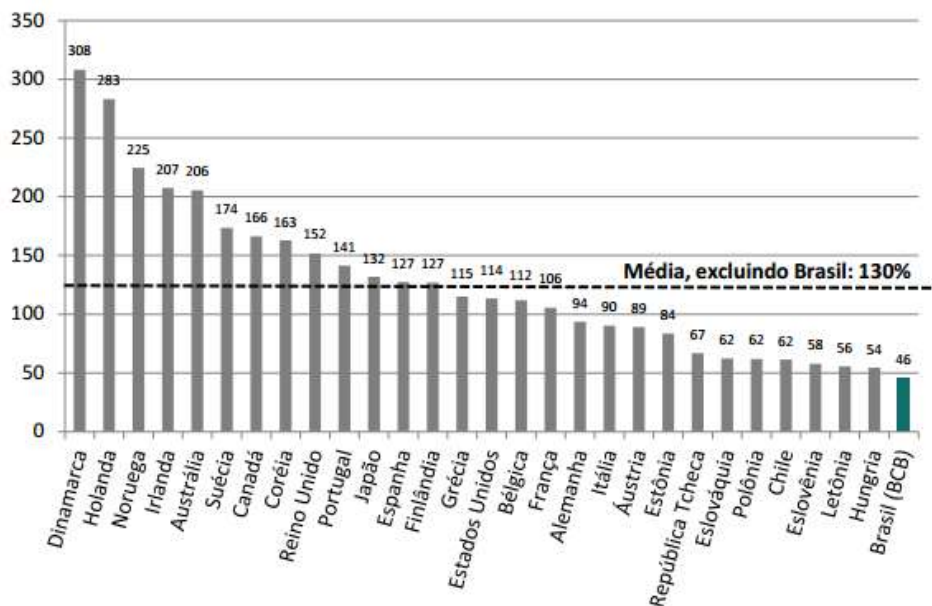
Gráfico 1: Histórico do Uso de Instrumentos de Crédito no Brasil.



Fonte: Banco Central do Brasil (2015).

No Brasil, conforme dados do IPEA (2016), o endividamento das famílias é cerca de 46% da renda anual. Logo, esse indicador não aparenta ser preocupante, quando comparado com a média mundial, que é de 130%.

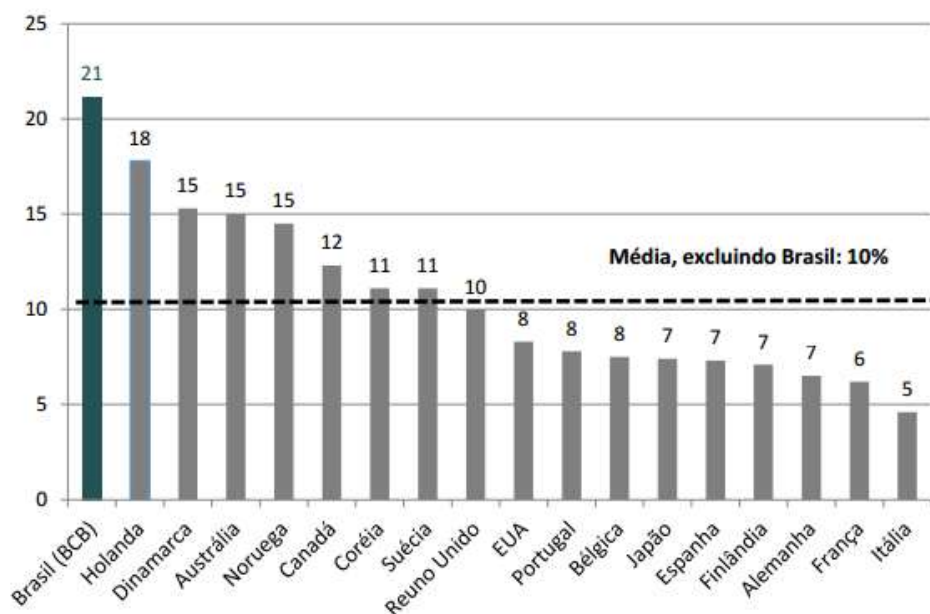
Gráfico 2: Endividamento das famílias em relação à renda anual – 2014 (%).



Fonte: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2016).

No entanto, um dado alarmante é a taxa de juros dessas operações. Aproximadamente 21% da renda das famílias é destinada ao pagamento de juros e amortizações. Ainda, o índice brasileiro é considerado alto quando comparado com uma média mundial de 10%. Esse contraste decorre das taxas de juros mais elevadas vigentes e dos prazos ainda relativamente curtos dos empréstimos no país.

Gráfico 3: Comprometimento de renda das famílias com o serviço da dívida – 2015 (%).



Fonte: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2016).

Em 2015, as operações de crédito atingiram 54,7% do produto interno bruto do país. Desse montante, 25,6% foram destinados à pessoa física, abrangendo 54 milhões de brasileiros.

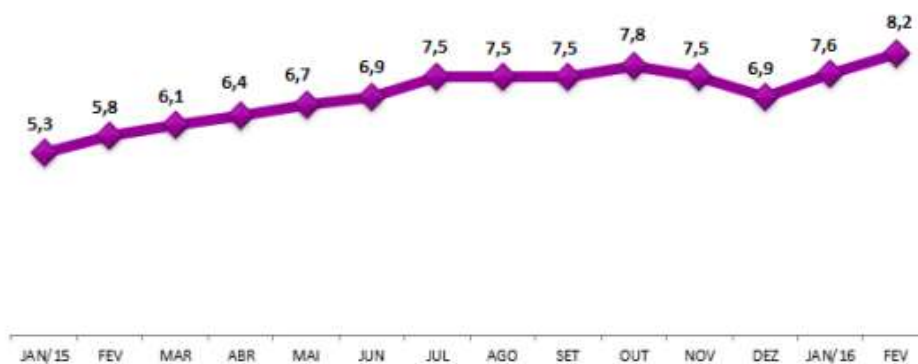
Tabela 1: Tabela de Crédito – agosto, 2016.

	Saldo				Concessões (Média Diária)		Taxa de Juros		Inadimplência (%)	
	R\$ bilhões	Variação real* 12 meses (%)	% do PIB	Variação em 12 meses em pontos de porcentagem do PIB	R\$ bilhões	Variação real* 12 meses (%)	% a.a	Variação 12 Meses (p.p.)	%	Variação 12 Meses (p.p.)
Total	3.115	-8,8	51,1	-2,5	282	-19,5	32,9	3,9	3,6	0,5
Pessoa Física	1.540	-4,6	25,3	-0,1	164	-14,7	41,9	0,0	4,1	0,2
Pessoa Jurídica	1.575	-12,6	25,9	-2,5	118	-25,5	22,0	1,7	3,2	0,7
Crédito Livre	1.550	-11,2	25,4	-2,0	251	-11,2	53,0	7,6	5,7	0,8
Crédito Direcionado	1.565	-6,4	25,7	-0,6	31	-27,2	11,3	1,1	1,5	0,3

Fonte: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA (2016)

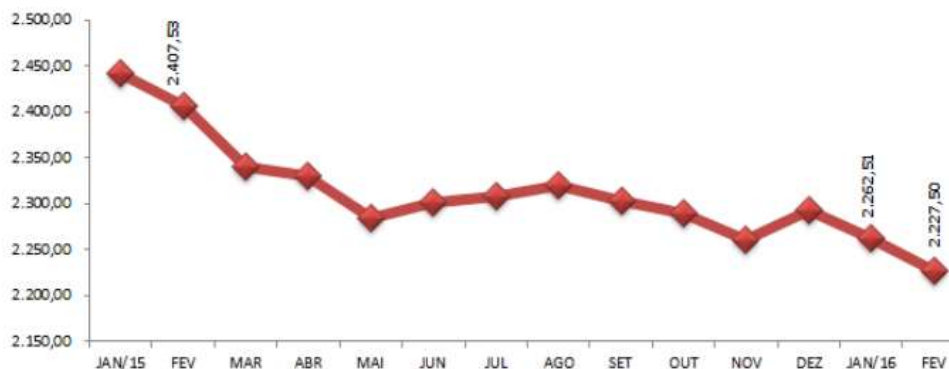
No entanto, desde 2014, o Brasil vive um momento de recessão econômica, caracterizada pela fragilização do mercado de trabalho e refletida na queda dos níveis de ocupação, do rendimento real e elevação dos preços ao consumidor. Analisando dados Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2016), em fevereiro de 2016, a taxa de desocupação em regiões metropolitanas selecionadas atingiu 8,2%, sendo que, no mesmo mês do ano anterior, o indicador era de 5,3%.

Gráfico 4: Evolução da taxa de desocupação (%).



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2016).

Logo, o rendimento médio da população caiu para R\$ 2.227,50 quando comparado ao mesmo mês do ano anterior, no qual o valor médio era de R\$ 2.407,53.

Gráfico 5: Rendimento médio real habitual da população ocupada.

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2016).

Paralelamente nesse cenário negativo, conforme dados Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA (2016), em fevereiro de 2016, a inflação alcançou 10,36%.

Gráfico 6: IPCA por Categorias taxa de variação acumulada em 12 meses (%).

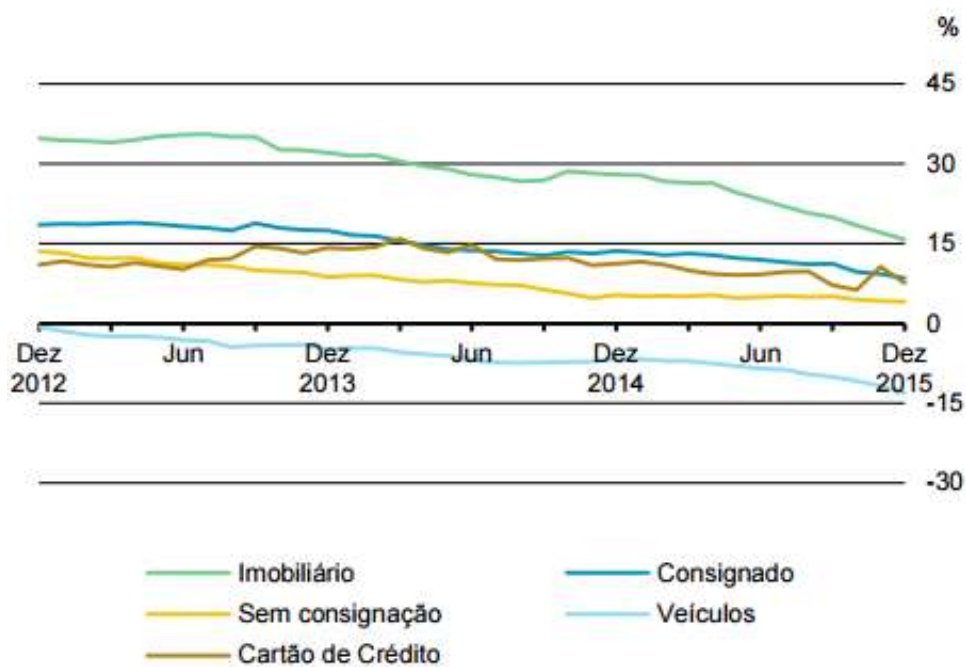
Fonte: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA (2016).

Os condicionantes do endividamento voluntário por parte das famílias, como as taxas de juros, nível de confiança e restrições de oferta, permanecem contribuindo para conter a formação de novas dívidas. No entanto, a deterioração da situação aumentou a quantidade de pessoas que

afirmam estar cobrindo despesas correntes com recursos de poupança e segue pressionando a tomada de novas dívidas por necessidade.

Logo, a elevação no endividamento das famílias e o receio pelo aumento da inadimplência contribuí para um comportamento avesso ao risco por parte dos bancos. Conseqüentemente, o crédito fica mais caro, e o acesso a novos financiamentos mais limitado. Embora a carteira de financiamento imobiliário tenha permanecido com a maior taxa de crescimento entre as modalidades de crédito para as pessoas físicas, houve uma expressiva retração acima de 15% a.a., segundo o Banco Central do Brasil – BCB (2016). O fator chave para essa ocorrência foi a menor disponibilidade de recursos de poupança e a intensa renegociação de contratos em atraso.

Gráfico 7: Crescimento anual do crédito.



Fonte: Banco Central do Brasil – BCB (2016).

Já o montante destinado às operações de crédito com recursos livres apresentou uma queda expressiva especialmente em relação à pessoa física, como é possível observar no gráfico a seguir. Essa situação ocorre devido à sensibilidade a pioras no cenário econômico desse tipo de crédito. A inadimplência nesse segmento foi a maior, atingindo aproximadamente 9% em dezembro de 2015.

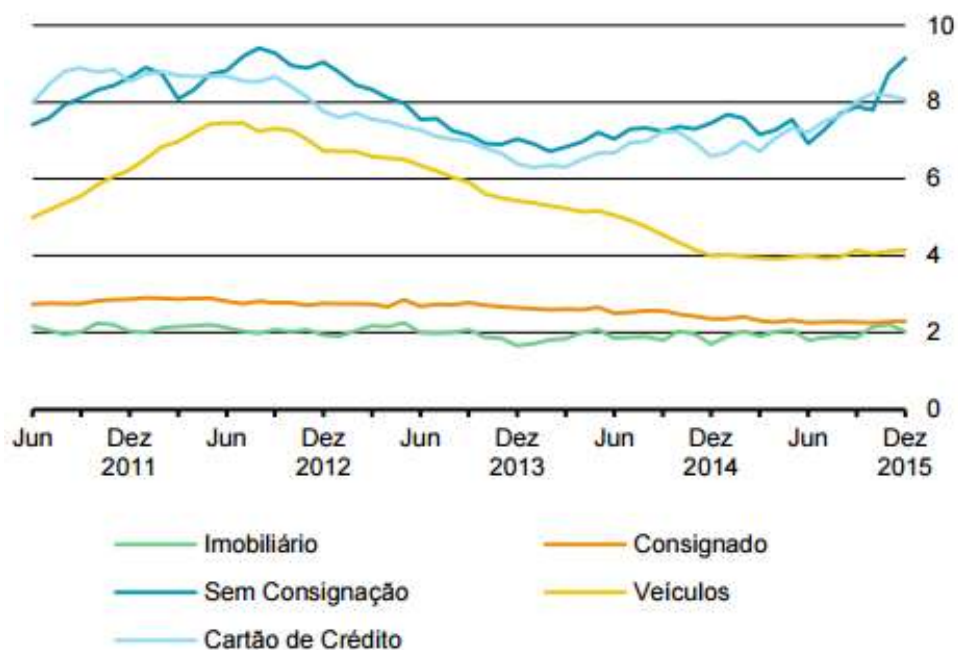
Gráfico 8: Novas concessões de crédito com recursos livres para pessoas jurídicas e físicas – em R\$ milhões de agosto de 2016, deflacionados pelo IPCA, média por dia útil, série dessazonalizada.



Fonte: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2016).

A variação da inadimplência nas operações de crédito não reflete completamente o avanço do risco de crédito. No entanto, foi registrado um crescimento ao longo dos cinco primeiros meses de 2016, e retração significativa em junho.

Gráfico 9: Inadimplência da pessoa física (%).

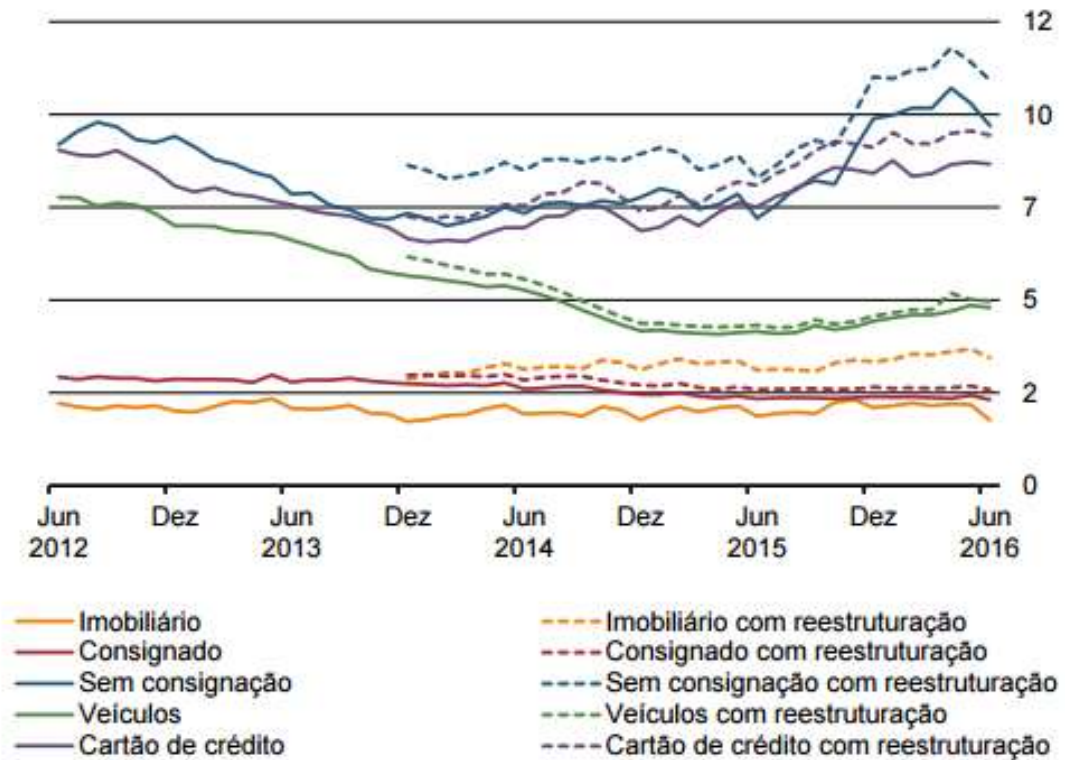


Fonte: Banco Central do Brasil – BCB (2016).

Devido ao cenário econômico restritivo, a qualidade das carteiras e as políticas de gerenciamento de risco de crédito das instituições financeiras focaram principalmente em iniciativas para renegociação preventiva e reestruturação de créditos inadimplentes. O fluxo mensal de reestruturações de dívidas alcançou um pico em junho de 2016.

As renegociações, em sentido amplo, podem ser realizadas tanto seguindo parâmetros normais de mercado em relação a prazos, taxas e demais condições de pagamento, quanto seguindo parâmetros que as instituições financeiras não admitiriam usualmente, mas os aceitam para solucionar eventual redução na capacidade de pagamento do tomador. (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2016, p. 31)

Gráfico 10: Endividamento das famílias em relação à renda anual – 2014 (%).



Fonte: Banco Central do Brasil – BCB (2016).

3.2 DEFININDO EDUCAÇÃO FINANCEIRA

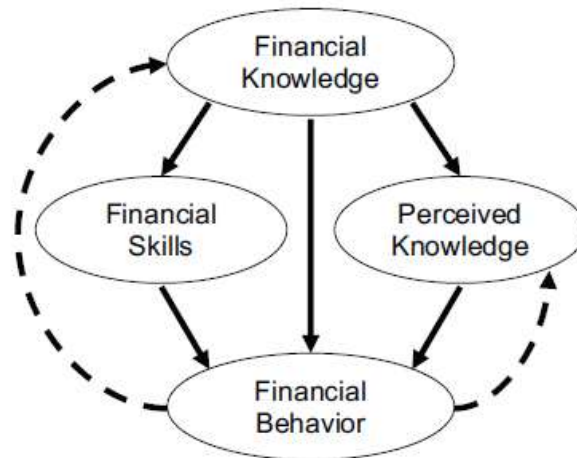
Primeiramente, é preciso esclarecer que o termo “educação financeira” é utilizado como tradução de *financial literacy* durante esse estudo. Existem muitos trabalhos publicados sobre educação financeira - seus impactos, suas relações e como criar programas para melhorá-la. No entanto, grande parte dos trabalhos falham em expor a definição do conceito.

Segundo Hung, Parker e Yoong (2009) é comum que pesquisas não façam distinção entre o conceito de educação financeira e conceitos relacionados, como matemática, ensino financeiro, atitudes financeiras, comportamento e tomada de decisão. No entanto, Noctor, Stoney e Stradling (1992 apud BEAL; DELPACHITRA, 2003) propõem que o conceito de educação financeira se refere à habilidade de tomar decisões eficazes em relação ao uso e gestão de dinheiro.

É usual também encontrar autores como Hilgert, Hogarth e Beverly (2003), que utilizam educação financeira como sinônimo de conhecimento financeiro. Contudo, conforme Hung, Parker, Yoong (2009) a maioria dos estudos que disponibilizam espaço para definição do

conceito trazem definições similares à de Noctor, Stoney e Stradling (1992 apud BEAL; DELPACHITRA, 2003). Por exemplo, Moore (2003) elucida que não basta possuir conhecimento financeiro. Para uma pessoa ser considerada educada financeiramente é preciso que demonstre que operacionaliza os conhecimentos que possuem. Assim, o conceito é uma combinação de conscientização, conhecimentos, habilidades, atitudes e comportamentos necessários para se tomarem as decisões financeiras e, finalmente, alcançar o bem-estar financeira individual (ATKINSON; MESSY, 2011).

Figura 1: Modelo do Conceito de Educação Financeira.



Fonte: Hung, Parker e Yoong (2009).

Por meio de uma análise dos principais estudos sobre o assunto, foi definido que será utilizada, para fins dessa pesquisa, a definição conceitual de Lusardi e Mitchell (2007). Logo, “educação financeira” será tratada tal como a familiaridade com os conceitos econômicos necessários para a tomada de decisões financeiras conscientes.

As pessoas com menor nível de educação financeira são mais propensas a acabarem em situação de superendividamento (LUSARDI; TUFANO, 2009); têm menor probabilidade de participar do mercado de ações (VAN ROOIJ; LUSARDI; ALESSIE, 2007); são menos propensas a escolher fundos mútuos com taxas de serviço mais baixas (HASTINGS; TEJEDA-ASHTON, 2008); menos propensas a acumular riqueza e gerir a riqueza de forma eficaz (STANGO; ZINMAN, 2007 e HILGERT; HOGARTH; BEVERLY, 2003); e menos propensas a planejar a aposentadoria (LUSARDI;

MITCHELL 2006, 2007, 2009). (LUSARDI; MITCHELL; CURTO, 2010, p. 5, tradução nossa).

3.2.1 EDUCAÇÃO FINANCEIRA: COMO MENSURAR

A educação financeira não pode ser medida diretamente através de *proxies*¹. Mesmo em países com alto nível de educação, como a Alemanha, os resultados de pesquisas mostram um baixo nível de correlação entre educação geral comparada a educação financeira (LUSARDI; MITCHELL, 2011). Muitos trabalhos usaram instrumentos para medir a educação financeira, porém grande parte da literatura está concentrada nos Estados Unidos e países da união europeia e utiliza perguntas que não são passíveis de serem usadas em outros mercados.

Para viabilizar esse trabalho, foram escolhidas perguntas breves, a fim de não comprometer o tamanho da amostra; e relevantes, pois parte do conhecimento de educação financeira está associado com a utilização rotineira do conhecimento financeiro. Outra prioridade nessa pesquisa foi a inserção de perguntas que pudessem distinguir entre os níveis de educação financeira. Portanto, foram utilizadas perguntas das pesquisas de Atkinson e Messy (2011); Bumcrot, Lin e Lusardi (2011); e Lusardi e Mitchell (2011). Ademais, foram adicionadas perguntas sobre o comportamento e uso das opções de crédito, baseadas na pesquisa sobre assunto de Lusardi e Tufano (2015).

O primeiro bloco de perguntas utilizadas no questionário visa medir o nível de educação financeira da amostra. Para esse fim, foram utilizadas cinco perguntas abordando conceitos essenciais sobre finanças pessoais. Todas perguntas foram testadas previamente em estudos que visam à padronização global dos questionários sobre educação financeira. As perguntas utilizadas nesse questionário fazem parte de pesquisas como o “*International Network on Financial Education Pilot Study*” da *Organisation for Economic Co-operation and Development*. Nas questões, os conceitos econômicos são inseridos em situações cotidianas facilitando a demonstração do conhecimento empírico. Além disso, a primeira alternativa de resposta nesse bloco é “não sei” de modo a dissuadir os entrevistados de adivinharem as respostas.

¹ “Em estatística, uma *proxy* ou variável *proxy* é uma variável que não é, em si, diretamente relevante, mas que serve no lugar de uma variável observável ou mensurável.”.

Quadro 1: Perguntas para mensuração da educação financeira

#	Descrição	Pergunta	Alternativas	Resposta Correta
1	Juros + Principal	Suponha que você tem R\$ 100 na poupança e a taxa de juros é de 2% ao ano. Qual o valor na conta no final do primeiro ano, após o pagamento do juro?	<ul style="list-style-type: none"> a) Não sei. b) Mais de R\$102. c) Exatamente R\$102. d) Menos de R\$102. e) Prefiro não responder. 	C
2	Juros composto	Você não faz movimentação alguma na conta acima. No final de 5 anos, qual o valor que você teria na conta?	<ul style="list-style-type: none"> a) Não sei. b) Mais de R\$110. c) Exatamente R\$110. d) Menos de R\$110. e) Prefiro não responder. 	B
3	Valor do dinheiro no tempo (Inflação)	Imagine que a taxa de juros da sua poupança foi de 1% ao ano e a inflação foi de 2% ao ano. Após 1 ano, quanto você seria capaz de comprar com o dinheiro dessa poupança?	<ul style="list-style-type: none"> a) Não sei. b) Mais do que hoje. c) O mesmo que hoje. d) Menos do que hoje. e) Prefiro não 	D

			responder.	
4	Juros no longo prazo	Esta afirmação é verdadeira ou falsa: “uma hipoteca de 15 anos normalmente exige pagamentos mensais mais elevados do que uma hipoteca de 30 anos, mas o total de juros pagos ao longo do empréstimo será menor”?	a) Não sei. b) Verdadeiro. c) Falso. d) Prefiro não responder.	B
5	Diversificação dos Riscos	Esta afirmação é verdadeira ou falsa: “a compra de ações de uma única empresa geralmente gera um retorno mais seguro do que um fundo mútuo de ações”?	a) Não sei. b) Verdadeiro. c) Falso. d) Prefiro não responder.	C

Fonte: Elaboração própria.

A primeira questão mede a habilidade do entrevistado para calcular o juro somado ao montante principal. A segunda questão, por sua vez, é uma evolução da primeira. Ao utilizar, nas opções de resposta, o valor de RS 110,00, que é o montante obtido a partir do cálculo do juro simples, é exigido do entrevistado o conhecimento sobre juros compostos. Nessa questão também é necessário o conhecimento prévio de que a poupança opera em um regime de juros compostos. Além disso, em ambas perguntas, as habilidades matemáticas dos entrevistados são avaliadas.

Já a terceira questão busca identificar se o entrevistado possui entendimento sobre o valor do dinheiro no tempo e, conseqüentemente, o conceito de inflação. A quarta questão testa o conhecimento do entrevistado sobre o gerenciamento do risco em investimentos por meio da diversificação. Nessa questão, é exigido conhecimento prévio sobre o que são ações e o funcionamento do mercado de valores. Na quinta questão, é imprescindível que o entrevistado tenha um conhecimento prévio sobre o regime de hipoteca e o formato de pagamento.

No segundo bloco, três perguntas, baseadas na pesquisa de Lusardi e Tufano (2015), foram adicionadas ao questionário para conhecer como a amostra utiliza as opções de crédito. Como esse estudo foi realizado no contexto norte americano, algumas opções foram adaptadas para a realidade brasileira. Além disso, foi adicionada a opção de resposta “nenhuma das opções acima”, pois a amostra não foi focada apenas em pessoas que já possuem experiência com instrumentos de crédito. Uma das perguntas é focada unicamente no uso cartão de crédito devido à popularidade dessa opção e o risco de superendividamento relacionado.

Quadro 2: Perguntas para mensuração da experiência de crédito

#	Descrição	Pergunta	Alternativas
6	Crédito Tradicional (Múltipla Escolha)	Alguma vez você já...	<ul style="list-style-type: none"> a. Utilizou um financiamento estudantil? b. Utilizou um financiamento para compra de veículos? c. Utilizou um empréstimo com imóvel como garantia? d. Utilizou (ou refinanciou) uma hipoteca? e. Nenhuma das opções acima.
7	Crédito Alternativo (Múltipla Escolha)	Alguma vez você já...	<ul style="list-style-type: none"> a. Utilizou “crédito salário” ou empréstimo similar de adiantamento de salário? b. Utilizou linha de crédito para antecipação do recebimento da sua restituição do Imposto de Renda? c. Utilizou um refinanciamento de veículo? d. Utilizou serviço de penhor de bens? e. Utilizou um crediário? f. Nenhuma das opções acima.
8	Cartão de	Qual das seguintes opções	<ul style="list-style-type: none"> a. Eu não possuo cartões de crédito ou

	Crédito	melhor descreve a maneira que você usou seus cartões de crédito nos últimos 12 meses?	não faço uso deles. b. Em alguns meses, eu fiquei com um saldo devedor tendo que encargos financeiros. c. Em alguns meses, eu paguei apenas o pagamento mínimo. d. Em alguns meses, uma taxa de atraso, pois paguei com atraso. e. Em alguns meses, fui cobrado uma taxa por usar mais que o meu limite. f. Em alguns meses, eu usei os cartões para conseguir um adiantamento em dinheiro (saque no cartão de crédito). g. Minha conta foi encerrada pela empresa de cartão de crédito.
--	----------------	---	--

Fonte: Elaboração própria.

4 OBJETIVOS

Os objetivos foram definidos como geral e específicos, sendo que o atingimento destes é crítico para o alcance daquele.

4.1 OBJETIVO GERAL

O objetivo principal desse trabalho é identificar o nível de educação financeira dos jovens adultos brasileiros, de 18 a 30 anos, e o seu comportamento em relação às opções de crédito.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Os objetivos específicos são os que seguem:

- Medir o nível de educação financeira da amostra;
- Observar a dissonância entre a percepção do nível de conhecimento financeiro e os resultados obtidos no questionário;
- Conhecer a experiência com opções de crédito da amostra;
- Identificar se há relação entre o nível de educação financeira e a experiência com opções crédito.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

No presente capítulo, evidencia-se a estruturação da estratégia metodológica utilizada nesse estudo. São apresentados os conceitos de coleta e a análise de dados, a fim de atingir o objetivo geral e os objetivos específicos delimitados anteriormente.

5.1 COLETA DE DADOS

Por ser uma pesquisa exploratória inicial, o processo de amostragem foi não probabilístico por conveniência. O perfil amostral utilizado foi de jovens adultos brasileiros de 18 a 30. A fim de abranger um número maior de indivíduos, decidiu-se por um questionário *online*. A pesquisa ficou disponível durante a primeira quinzena de outubro.

O questionário contém vinte duas perguntas divididas em quatro blocos. O primeiro bloco é constituído por uma autoavaliação acerca do nível de conhecimento financeiro. O segundo é composto por questões sobre conceitos financeiros. O terceiro são perguntas sobre a experiência relacionada às opções de crédito. No quarto bloco, são feitas perguntas sobre a situação financeira atual sob a ótica de endividamento. E, no quinto, são realizadas perguntas de cunho demográfico.

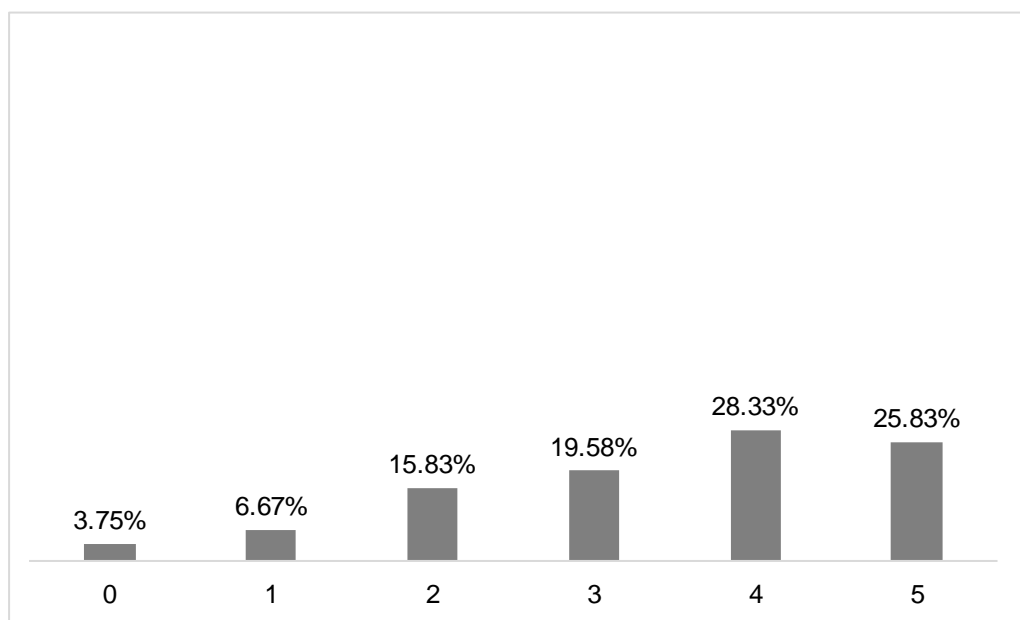
5.2 ANÁLISE DE DADOS

O questionário foi disponibilizado *online* durante duas semanas e, ao longo desse intervalo de tempo, foram obtidas 240 respostas. A média de idade das pessoas entrevistadas ficou próxima dos 24 anos. Entre os entrevistados 50% completaram o ensino superior, sendo que 29% estão cursando ou já concluíram um curso de pós-graduação, mestrado ou doutorado. A amostra é composta 66% integrantes de famílias da classe A ou B, e 25% da classe C. Dos familiares dos entrevistados, 82% possuem ensino superior completo. Do total, 63% da amostra moram com os pais, e 32% moram com outras pessoas que não são seus familiares diretos. Mais da metade dos entrevistados, 52%, possui renda até dois salários mínimos, e 43% possui renda acima de dois e até dez salários mínimos. Atualmente, 68% está exercendo atividade remunerada

- empregado formal ou informal, profissão liberal, empresário ou estágio. A amostra é composta em 68% por mulheres.

O resultado geral de acertos foi positivo. Cento e trinta pessoas ficaram na faixa de quatro e cinco acertos, o que é considerado como um alto nível de conhecimento, segundo Atkinson e Messy (2012). Nessa análise, todas as questões de conhecimento financeiro têm o mesmo peso. Sendo assim, foram atribuídos valor 1 para as respostas corretas e 0 para as incorretas. A média geral obtida foi de 3,40 pontos.

Gráfico 11: Gráfico sobre o Percentual de Entrevistados por Total de Acertos.



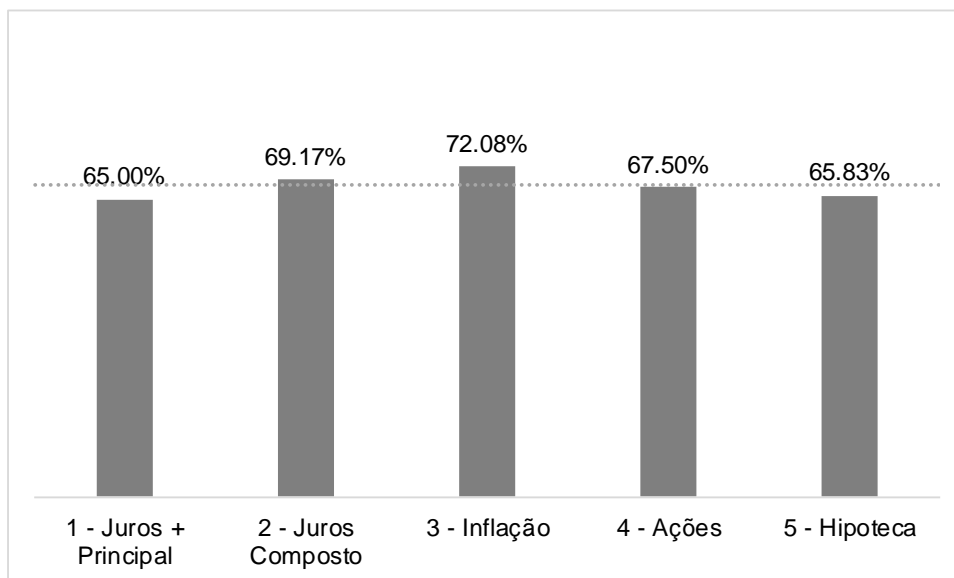
Fonte: Elaboração própria.

A média de acertos entre as perguntas foi de 67,92%. A pergunta com o maior índice de erro foi a primeira pergunta do bloco sobre conhecimento financeiro. As duas primeiras perguntas desse bloco estão altamente relacionadas, portanto a diferença entre o número de acertos entre elas é algo inesperado. Dos 44 casos, 31 marcaram a opção “mais de 102 reais”, logo é possível concluir que esse fenômeno ocorre a partir da aplicação errada do mesmo raciocínio da questão 2 para a questão 1.

A pergunta sobre inflação teve o maior número de acertos. Esse resultado pode estar relacionado com a conjuntura econômica atual, pois vive-se um momento no qual está sendo amplamente noticiado o aumento da inflação e seus impactos. É importante também observar

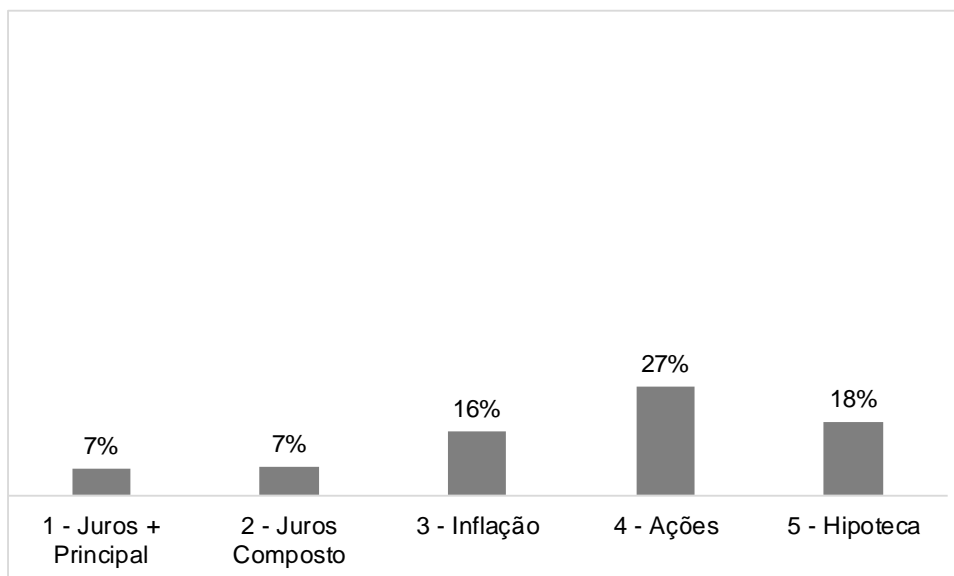
quais questões obtiveram o maior número de respostas “não sei”. A partir dessa perspectiva, é possível observar que existe um número elevado de pessoas que não possuem conhecimento sobre ações.

Gráfico 12: Percentual de Acertos por Pergunta.



Fonte: Elaboração própria.

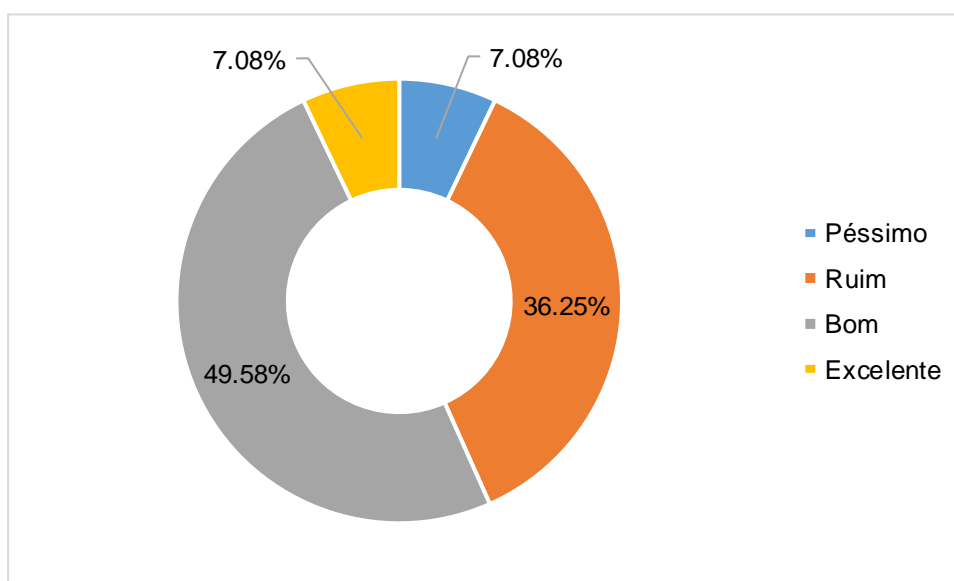
Gráfico 13: Percentual de Respostas “Não Sei”, por Pergunta.



Fonte: Elaboração própria.

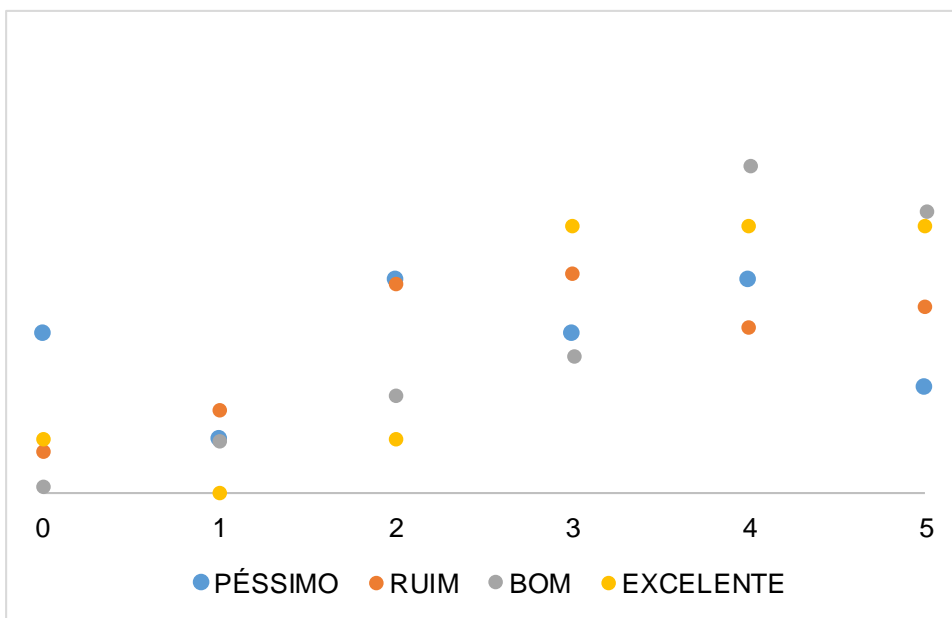
Quase 50% dos entrevistados identificaram seu conhecimento financeiro como bom. A minoria da amostra se classificou nos extremos, como excelente ou péssimo. Para começar a compreender a dissonância entre a autoavaliação e o conhecimento real sobre finanças dos entrevistados, foi calculado o percentual de acertos de cada grupo de autoavaliação. Depois, foi analisado o percentual de acerto em cada pergunta desses grupos de autoavaliação. Na maior parte das perguntas, a distribuição entre a percepção de conhecimento e o resultado real seguiu um padrão coerente, no qual os grupos que se autoavaliaram com um conhecimento mais alto obtiveram um percentual de acerto maior. No entanto, na questão de hipoteca, surge uma situação única, na qual o grupo que se intitula como péssimo conhecedor de finanças assume a liderança no percentual de acertos enquanto quem acredita que possui conhecimento excelente fica em último lugar.

Gráfico 14: Autoavaliação.



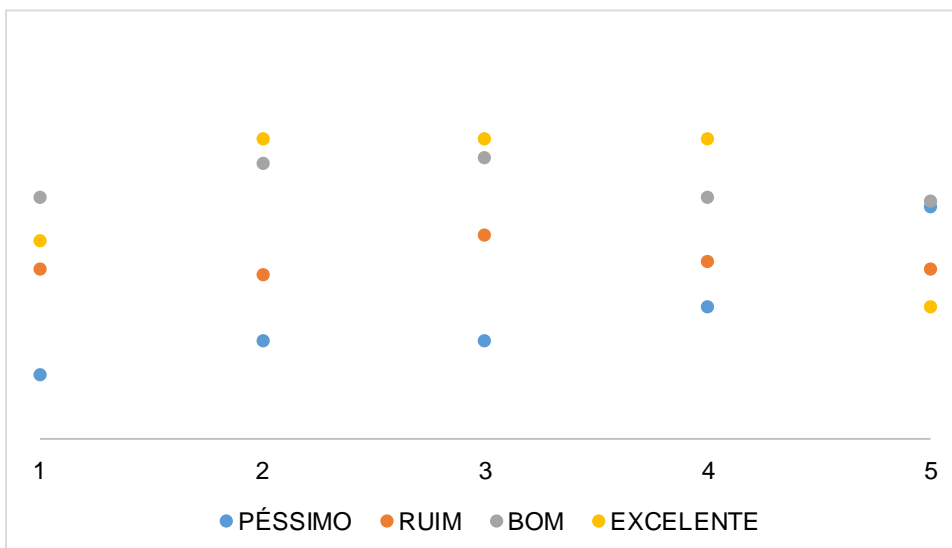
Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 15: Distribuição do percentual de acertos por grupo de autoavaliação.



Fonte: Elaboração própria.

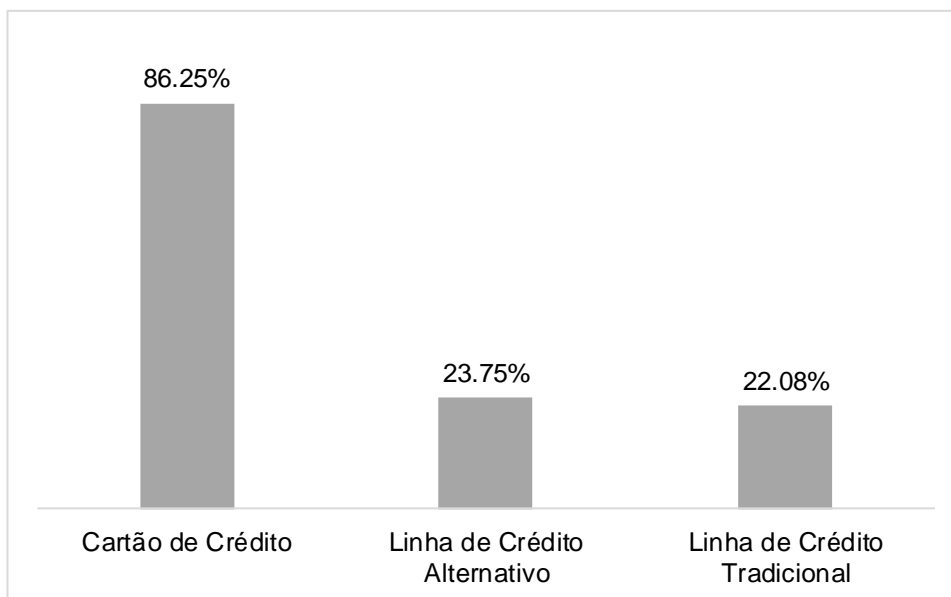
Gráfico 16: Distribuição do percentual de acertos por pergunta de cada grupo de auto avaliação.



Fonte: Elaboração própria.

A seguir é analisado o conteúdo das respostas do bloco 2. A partir dessas respostas, é possível observar a experiência de uso de crédito da amostra. Dos entrevistados, 86,25% já utilizaram cartão de crédito e 35,83% já possuíram experiência com linhas de crédito além do cartão.

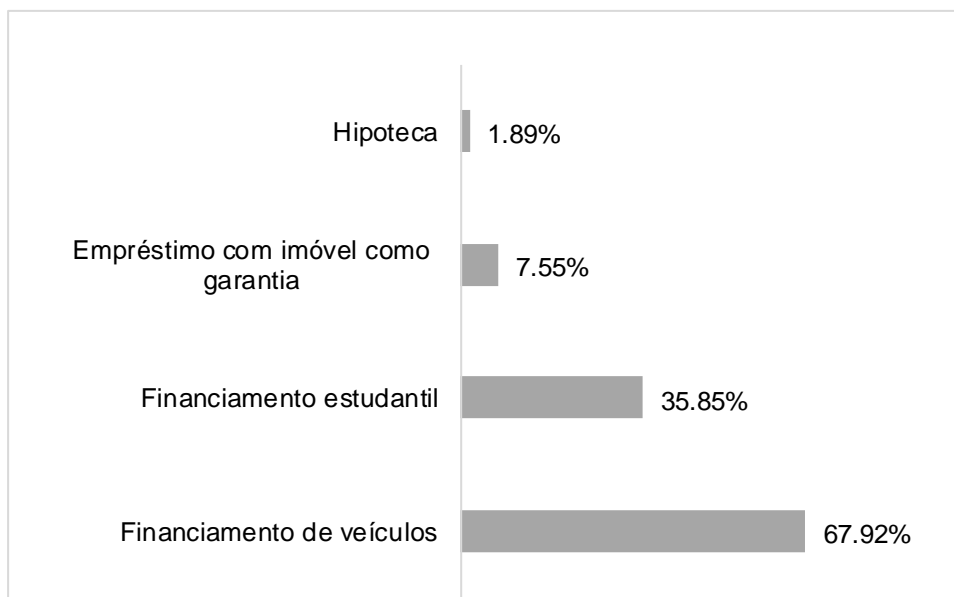
Gráfico 17: Experiência com linhas de crédito.



Fonte: Elaboração própria.

Os gráficos sobre a experiência de uso das linhas de crédito estão na mesma ordem das perguntas apresentadas para o bloco 2 durante o referencial teórico. Dos jovens adultos que tiveram alguma experiência com crédito tradicional, a maior incidência foi de financiamento de veículos, diferentemente de países como Estados Unidos, em que o financiamento estudantil é a experiência mais frequente nesse grupo de crédito (LUSARDI; MITCHELL; CURTO, 2010). Possivelmente essa diferença ocorre em função de, no Brasil, existir um bom sistema público de ensino superior.

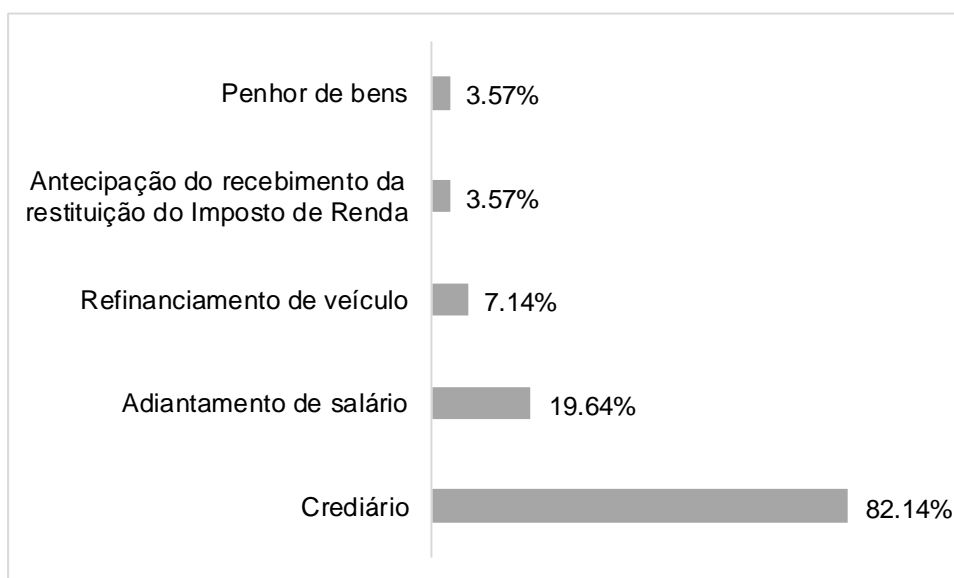
Gráfico 18: Experiência com linhas de crédito tradicionais.



Fonte: Elaboração própria.

Em relação às linhas de crédito alternativas, a mais frequente é o uso do crediário. Essa opção não estava presente no questionário original de Lusardi e Tufano (2015), pois é uma operação mais disseminada no Brasil do que em outros países.

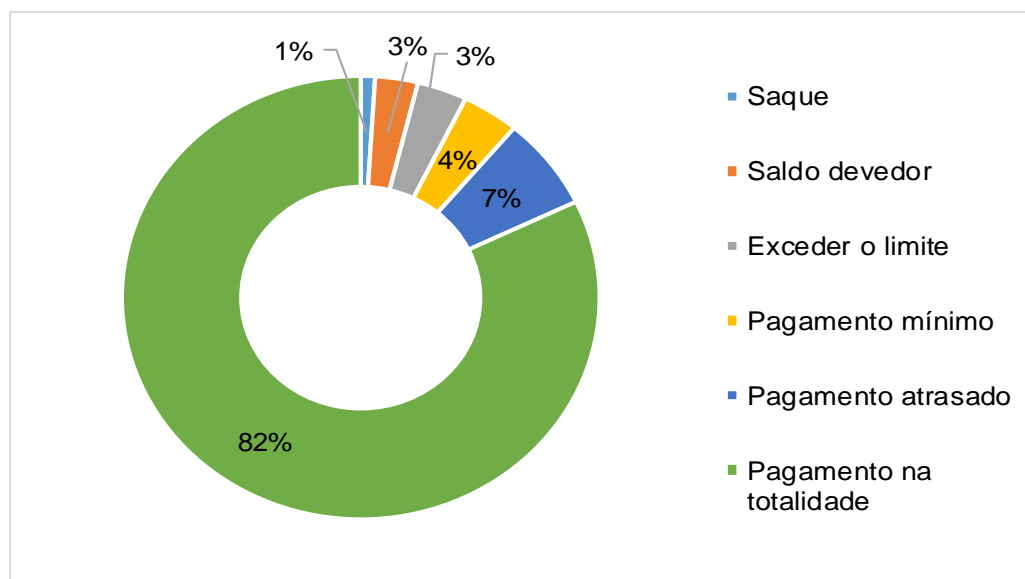
Gráfico 19: Experiência com linhas de crédito alternativas.



Fonte: Elaboração própria.

Por último nesse bloco, é analisada a experiência com os cartões de crédito, que, como foi observado anteriormente, é amplamente difundida entre os entrevistados. A amostra, em sua maioria, utiliza esse instrumento de crédito de maneira cautelosa. Sendo assim, aproximadamente 82% da amostra possuem o hábito de pagar a fatura na totalidade, conseqüentemente sem ter a obrigação de pagar juros.

Gráfico 20: Forma de uso do cartão de crédito mais recorrente nos últimos 12 meses.



Fonte: Elaboração própria.

Através desses padrões de respostas do bloco 2 do questionário dessa pesquisa, foram formados cinco grupos. Abaixo são apresentadas suas descrições:

Quadro 3: Grupos de experiência de uso de crédito.

Grupo	Descrição	Resposta #6	Resposta #7	Resposta #8
1	Nenhuma experiência com operações de crédito.	E	F	A
2	Experiência apenas com cartões de crédito.	E	F	Qualquer exceto A
3	Experiência com linhas tradicionais de crédito.	Qualquer exceto E	F	Qualquer
4	Experiência com linhas alternativas de crédito.	E	Qualquer exceto F	Qualquer
5	Experiência com linhas tradicionais e alternativas de crédito.	Qualquer exceto E	Qualquer exceto F	Qualquer

Fonte: Elaboração própria.

O grupo 1 e 5 apresentaram a pior média dessa pesquisa, porém a experiência de uso de crédito entre esses dois grupos é mais díspar: o primeiro grupo não possui experiência alguma, já o segundo apresenta experiência em todos segmentos de crédito usados para balizar esse estudo. O grupo 4 também não apresentou um bom desempenho na média de acertos, apesar da experiência com crédito alternativo.

O primeiro grupo apresentou a maior dificuldade da série para responder à questão número 2, apesar de não apresentar dificuldade acima da média geral da pergunta número 1. Já o grupo 3 apresentou um desempenho diferenciado da média para essa questão. O desempenho do grupo 5 ficou acima da média na questão 5, a qual possui a segunda média mais baixa entre as perguntas.

Quadro 4: Grupos de experiência X Acertos.

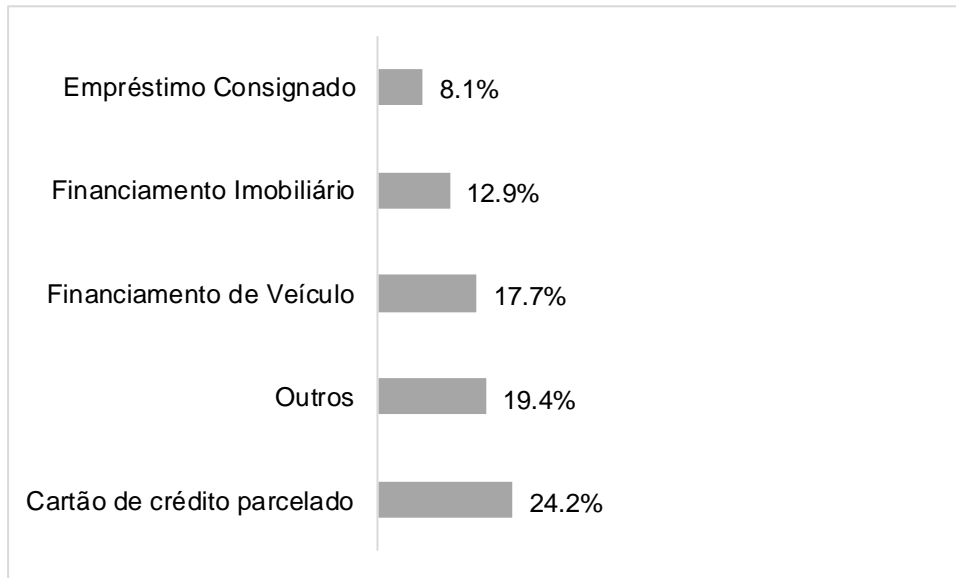
	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4	Grupo 5	Total
Média de Acertos	3.00	3.55	3.59	3.06	3.00	3.40
% de Acertos P1 (Juros + Principal)	68.75%	67.39%	62.07%	60.61%	58.33%	65.00%
% de Acertos P2 (Juros Composto)	43.75%	70.29%	82.76%	66.67%	66.67%	69.17%
% de Acertos P3 (Inflação)	68.75%	77.54%	72.41%	57.58%	62.50%	72.08%
% de Acertos P4 (Ações)	62.50%	71.74%	79.31%	60.61%	41.67%	67.50%
% de Acertos P5 (Hipoteca)	56.25%	68.12%	62.07%	60.61%	70.83%	65.83%

Fonte: Elaboração própria.

Atualmente, 86,66% dos entrevistados estão usando cartões de crédito, mas apenas 7,69% estão com faturas em atraso. Ao excluir as pessoas que só possuem cartões de crédito pagos em dia como linha de crédito corrente, restam 62 pessoas. Dessas, o uso atual de crédito é exemplificado na figura 26. No questionário dessa pesquisa foram feitas perguntas sobre

inadimplência, porém somente 4,1% da amostra possuem dívidas em atraso, tornando irrelevante uma análise mais profunda nesse sentido.

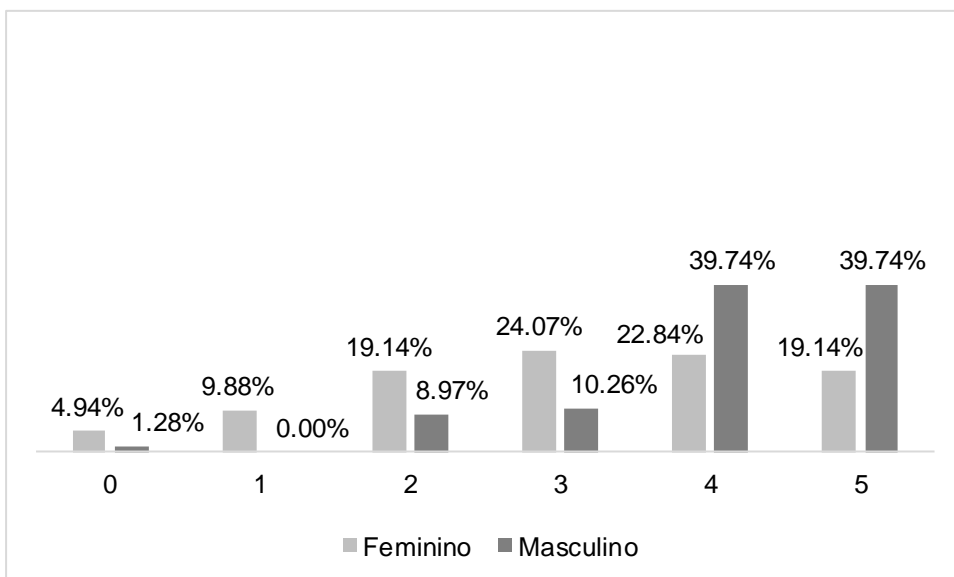
Gráfico 21: Linhas de crédito sendo utilizadas no momento da pesquisa.



Fonte: Elaboração própria.

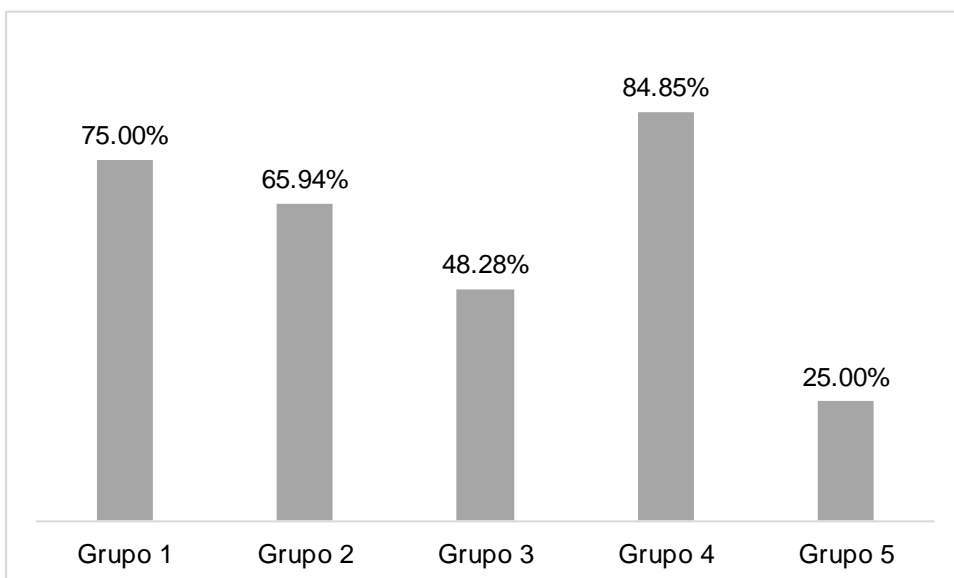
Uma diferença de desempenho entre gêneros ficou destacada nessa pesquisa, assim como Lusardi e Mitchell (2008) já haviam observado em estudos prévios a esse. Os grupos que apresentam um percentual do gênero feminino maior que o percentual geral dessa pesquisa foram respectivamente o grupo 4, com experiências alternativas de crédito, e o grupo 1, que não possui experiência alguma com linhas de crédito. O grupo 4 apresenta essa disparidade entre gêneros devido ao elevado uso de crediários nesse perfil. Desse grupo, 90,90% já tiveram experiência utilizando crediário e, dessas pessoas, 78,78% são mulheres.

Gráfico 22: Percentual de Acertos por Gênero.



Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 23: Presença feminina em cada grupo.



Fonte: Elaboração própria.

6 CONCLUSÃO

O nível de educação financeira possui um impacto significativo no bem-estar das pessoas (LUSARDI; MITCHELL, 2007). Além disso, os resultados do conhecimento combinado com o comportamento financeiro individual influenciam a sociedade e sua economia (HASTINGS; TEJEDA-ASHTON, 2008). A partir do estudo da amostra dessa pesquisa, foi possível observar um resultado geral satisfatório de conhecimento financeiro e experiência de crédito entre os jovens adultos.

A partir das análises de autoavaliação e conhecimento, nota-se que os entrevistados tendem a ter uma percepção realista de suas habilidades. Ademais, fica claro que a maior parte dos jovens adultos fazem uso mais frequente de cartões de crédito do que qualquer outro instrumento de crédito. Apesar dos riscos que os cartões apresentam devido as suas altas taxas de juros, os componentes da amostra mostraram um uso cauteloso dessa opção.

Não foi possível estabelecer uma correlação estatística entre a experiência de crédito e o nível de educação financeira. Porém, ao dividir os entrevistados em grupos de experiência, foi encontrado um grupo de risco. O grupo 5, no qual os entrevistados utilizam diversos instrumentos de crédito (tradicional, alternativo e cartão de crédito), apresentou o número de acertos mais baixo na parte de conhecimento financeiro. Esse resultado é preocupante, visto que seus componentes já estão envolvidos em operações financeiras, porém não possuem um conhecimento adequado para realizá-las de forma cuidadosa que assegure seu bem-estar.

Outra observação importante foi a diferença de resultados entre a amostra masculina e a feminina. Apesar das mulheres não serem maioria no grupo de maior risco, o resultado, na parte de conhecimento financeiro, foi ruim. Mais da metade das mulheres ficaram com o resultado abaixo de quatro acertos.

Outra situação que foi possível ressaltar por meio dos resultados, foi a quantidade acentuada de pessoas que responderam que não possuíam conhecimento sobre a questão de ações. Essa pergunta está relacionada com um conhecimento essencial para o planejamento e construção de patrimônio, portanto é considerada uma situação importante a ser estudada.

Nas três situações apresentadas acima, não foi possível descobrir as causas desses fenômenos, nem a melhor maneira de corrigi-los. Todas essas ocorrências afetam o bem-estar dos indivíduos e da sociedade como um todo, portanto é sugerida a feitura de novas pesquisas que

explorem esses assuntos específicos. Por fim, esse estudo possui um caráter exploratório e, assim sendo, é fortemente recomendado que novos trabalhos sejam feitos utilizando outras formas de amostragem. Uma sugestão, por exemplo, é utilizar uma amostragem probabilística estratificada a fim de entender o impacto das características demográficas nas variáveis estudadas.

REFERÊNCIAS

ATKINSON, Adele; MESSY, Flore-Anne. **Measuring Financial Literacy: Results of the OECD / International Network on Financial Education (INFE) Pilot Study**. França: OECD Publishing, mar. 2012, 73 p. (OECD Working Papers on Finance, Insurance and Private Pensions, n. 15).

ATKINSON, Adele; MESSY, Flore-Anne. Assessing financial literacy in 12 countries: an OECD/INFE international pilot exercise. **Journal of Pension Economics & Finance**, v. 10, n. 4, p. 657-665, out. 2011.

BCB – Banco Central do Brasil. **Relatório de Estabilidade Financeira – Abril 2016**. Disponível em: <http://www.bcb.gov.br/htms/estabilidade/2016_04/refPub.pdf>. Acesso em: 10 out. 2016.

BEAL, Diana J.; DELPACHITRA, Sarah B.; Financial Literacy among Australian University Students. **Economic Papers**, v. 22, n. 1, p. 65-78, mar. 2003.

BUMCCROT, Christopher B.; LIN, Judy; LUSARDI, Annamaria. The Geography of Financial Literacy. **Numeracy**, v. 6, n. 2, art. 2, jun. 2013.

FERREIRA. R. **Como planejar, organizar e controlar seu dinheiro**. São Paulo: Thomson IOB, 2006.

GARMAN, Thomas E.; FORGUE Raymond E. **Personal Finance**. Boston: Houghton Mifflin Company, 2000.

HASTINGS, Justine; TEJEDA-ASHTON, Lydia. **Financial Literacy, Information, and Demand Elasticity: Survey and Experimental Evidence from Mexico**. Cambridge: National Bureau of Economic Research, dez. 2008, 35 p. (NBER Working Paper series, n. 14538). Disponível em: <<http://www.nber.org/papers/w14538.pdf>>. Acesso em: 7 set. 2016.

HILGERT, Marianne A.; HOGARTH, Jeanne M.; BEVERLY, Sondra G.. Household financial management: The connection between knowledge and behavior. **Federal Reserve Bulletin**, v. 89, n. 7, p. 309-322, jul. 2003.

HUNG, PARKER, YOONG. **Defining and Measuring Financial Literacy**. Santa Monica: RAND Corporation, 2009, 28p. (Labor and Population working paper series, n. 708). Disponível em: <http://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/working_papers/2009/RAND_WR708.pdf>. Acesso em: 8 set. 2016.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **População**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>>. Acesso em: 7 set. 2016.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Mensal de Emprego – Fevereiro 2016**. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Mensal_de_Emprego/fasciculo_indicadores_ibge/2016/pme_201602pubCompleta.pdf>. Acesso em: 7 out. 2016.

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Carta de Conjuntura Julho – Setembro 2016**. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/conjuntura/161017_cc32_credito.pdf>. Acesso em: 20 out. 2016.

LUSARDI, Annamaria; MITCHELL, Olivia S.. The Economic Importance of Financial Literacy: Theory and Evidence. **Journal of Economic Literature**, v. 52, n. 1, p. 5-44, mar. 2014.

LUSARDI, Annamaria; MITCHELL, Olivia S.. Financial literacy around the world: an overview. **Journal of Pension Economics & Finance**, v. 10, n. 4, p. 497-508, out. 2011.

LUSARDI, Annamaria; MITCHELL, Olivia S.. How Ordinary People Make Complex Economics Decisions: Financial Literacy and Retirement Readiness. **Working Paper**, set. 2009.

LUSARDI, Annamaria; MITCHELL, Olivia S.. Planning and Financial Literacy: How Do Women Fare?. **American Economic Review**, v. 98, n. 2, p. 413-17, mai. 2008.

LUSARDI, Annamaria; MITCHELL, Olivia S.. Financial Literacy and Retirement Preparedness: Evidence and Implications for Financial Education. **Business Economics**, v. 42, n. 1, p. 35-44, jan. 2007.

LUSARDI, Annamaria; MITCHELL, Olivia S.. Financial Literacy and Planning: Implications for Retirement Wellbeing. **Working Paper**, mai. 2006.

LUSARDI, Annamaria; MITCHELL, Olivia S; CURTO, Vilsa. Financial literacy among the young: evidence and Implications for Consumer Policy. **Journal of Consumer Affairs**, v. 55, n. 2, p. 358-380, jan. 2010.

LUSARDI, Annamaria; TUFANO, Peter; Debt literacy, financial experiences and overindebtedness. **Journal of Pension Economics & Finance**, v. 14, n. 4, p. 332-368, out. 2015.

SCHRICKEL, Wolfgang Kurt. **Análise de Crédito: Concessão e Gerência de Empréstimos**. São Paulo: Atlas, 2000.

SERVIÇO DE PROTEÇÃO AO CRÉDITO (SPC). **Recuperação de Crédito: Dívidas e Negociação**. Disponível em: <<https://www.spcbrasil.org.br/wpimprensa/wp-content/uploads/2016/04/An%C3%A1lise-Recupera%C3%A7%C3%A3o-de-Cr%C3%A9dito--D%C3%ADvidas-e-Negocia%C3%A7%C3%A3o.pdf>> Acesso em: 4 set. 2016.

SHIM, Soyeon; BARBER, Bonnie L.; CARD, Noel A.; XIAO, Jing Jian; SERIDO, Joyce. Financial Socialization of First-Year College Students: The Roles of Parents, Work, and Education. **Journal of Youth and Adolescence**, v. 39, n. 12, p. 1457–1470, dez. 2010.

SILVA, José Pereira da. **Gestão e análise de risco de crédito**. São Paulo: Atlas, 2008.

STANGO, Victor; ZINMAN Jonathan. Fuzzy Math and Red Ink: When the Opportunity Cost of Consumption Is Not What It Seems. **Working Paper**, mai. 2007.

SULLIVAN, Teresa A.; WARREN, Elizabeth; WESTBROOK, Jay Lawrence. **The Fragile Middle Class: Americans in Debt**. New Haven: Yale University Press, 2000.

MARX, Karl. **O Capital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

MOORE, Danna L. (2003). **Survey of Financial Literacy in Washington State: Knowledge, Behavior, Attitudes, and Experiences**. Relatório Técnico. Washington: Social and Economic Sciences Research Center, dez. 2003, n. 03-39.

VAN ROOIJ, Maarten; LUSARDI, Annamaria; ALESSIE, Rob. "Financial literacy and stock market participation. **Journal of Financial Economics**, v. 101, n. 2, p. 449-472, ago. 2011.

APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO ONLINE

2. Idade:
3. Como você define seu conhecimento sobre finanças pessoais?
 - a. Excelente
 - b. Bom
 - c. Ruim
 - d. Péssimo
4. Suponha que você tem R\$ 100 na poupança e a taxa de juros foi de 2% ao ano. Qual o valor na conta no final do primeiro ano, após o pagamento do juro?
 - a. Não sei
 - b. Mais de R\$102
 - c. Exatamente R\$102
 - d. Menos de R\$102
 - e. Prefiro não responder
5. Você não faz movimentação alguma na conta acima. Após 5 anos, quanto você acha que você teria na conta?
 - a. Não sei
 - b. Mais de R\$110
 - c. Exatamente R\$110
 - d. Menos de R\$110
 - e. Prefiro não responder
6. Imagine que a taxa de juros da sua poupança foi de 1% ao ano e a inflação foi de 2% ao ano. Após 1 ano, quanto você seria capaz de comprar com o dinheiro dessa poupança?
 - a. Não sei
 - b. Mais do que hoje
 - c. O mesmo que hoje
 - d. Menos do que hoje
 - e. Prefiro não responder
7. Esta afirmação é verdadeira ou falsa: “a compra de ações de uma única empresa geralmente gera um retorno mais seguro do que um fundo mútuo de ações”?
 - a. Não sei
 - b. Verdadeiro
 - c. Falso
 - d. Prefiro não responder
8. Esta afirmação é verdadeira ou falsa: “uma hipoteca de 15 anos normalmente exige pagamentos mensais mais elevados do que uma hipoteca de 30 anos, mas o total de juros pagos ao longo do empréstimo será menor”.
 - a. Não sei
 - b. Verdadeiro

- c. Falso
 - d. Prefiro não responder
9. Alguma vez você já...
- a. Utilizou um financiamento estudantil
 - b. Utilizou um financiamento para compra de veículos
 - c. Utilizou um empréstimo com imóvel como garantia
 - d. Utilizou (ou refinanciou) uma hipoteca
 - e. Nenhuma das opções acima
10. Alguma vez você já...
- a. Utilizou “crédito salário” ou empréstimo similar de adiantamento de salário
 - b. Utilizou linha de crédito para antecipação do recebimento da sua restituição do Imposto de Renda
 - c. Utilizou refinanciamento de veículo
 - d. Utilizou serviço de penhor de bens
 - e. Utilizou crediário
 - f. Nenhuma das opções acima
11. Qual das seguintes opções melhor descreve a maneira que você usou seus cartões de crédito nos últimos 12 meses?
- a. Eu não possuo cartões de crédito ou não faço uso deles
 - b. Em alguns meses, eu fiquei com um saldo devedor tendo que encargos financeiros
 - c. Em alguns meses, eu paguei apenas o pagamento mínimo
 - d. Em alguns meses, uma taxa de atraso, pois paguei com atraso
 - e. Em alguns meses, fui cobrado uma taxa por usar mais que o meu limite
 - f. Em alguns meses, eu usei os cartões para conseguir um adiantamento em dinheiro (saque no cartão de crédito)
 - g. Minha conta foi encerrada pela empresa de cartão de crédito
 - h. Eu sempre paguei as faturas dos meus cartões de crédito na sua totalidade
12. Quais linhas de crédito você possui no momento:
- a. Cartão de Crédito (faturas pagas na totalidade)
 - b. Cartão de Crédito (pagamento mínimo ou parcelamento das faturas)
 - c. Cheque Especial
 - d. Empréstimo consignado
 - e. Financiamento de Veículo
 - f. Financiamento Imobiliário
 - g. Outros
 - h. Nenhum
13. Você se encontra em situação de inadimplência (dívidas em atraso):
- a. Sim
 - b. Não
14. Se sim na pergunta 17, em quais linhas de crédito:
- a. Cartão de Crédito

- b. Cheque Especial
 - c. Empréstimo consignado
 - d. Financiamento de Veículo
 - e. Financiamento Imobiliário
 - f. Outros
15. Se sim na pergunta 17, você já planejou como irá pagar as dívidas em atraso sem deixar de pagar as atuais ou contrair novas dívidas:
- a. Sim
 - b. Não
16. Gênero:
- a. Feminino
 - b. Masculino
17. Grau de escolaridade:
- a. Ensino Fundamental Incompleto
 - b. Ensino Fundamental Completo
 - c. Ensino Médio Incompleto
 - d. Ensino Médio Completo
 - e. Ensino Superior Incompleto
 - f. Ensino Superior Completo
 - g. Pós-graduação / Mestrado / Doutorado
18. Qual o maior grau de escolaridade dos seus pais?
- a. Ensino Fundamental Incompleto
 - b. Ensino Fundamental Completo
 - c. Ensino Médio Incompleto
 - d. Ensino Médio Completo
 - e. Ensino Superior Incompleto
 - f. Ensino Superior Completo
 - g. Pós-graduação / Mestrado / Doutorado
19. Assinale quais as pessoas que residem com você? Marque mais de uma resposta se for o caso.
- a. Pais
 - b. Cônjuge / Companheiro(a)
 - c. Filhos
 - d. Sozinho
 - e. Outros
20. Qual sua situação empregatícia?
- a. Desempregado
 - b. Estágio
 - c. Emprego Informal
 - d. Emprego Formal (CLT)
 - e. Profissional Liberal

f. Empresário / Empreendedor

21. Qual sua faixa de renda mensal líquida pessoal?

- a. Até R\$ 1.760,00
- b. R\$ 1760,01 até R\$ 3.520,00
- c. R\$ 3.520,01 até R\$ 8.800,00
- d. R\$ 8.800,01 até R\$ 17.600,00
- e. Acima de R\$ 17.600,01

22. Qual sua faixa de renda mensal líquida familiar?

- a. Até R\$ 1.760,00
- b. R\$ 1760,01 até R\$ 3.520,00
- c. R\$ 3.520,01 até R\$ 8.800,00
- d. R\$ 8.800,01 até R\$ 17.600,00
- e. Acima de R\$ 17.600,01